

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA
21 DE NOVEMBRO
ANNO 4. N. 17.

PROPRIETARIOS : ZACARIAS SALCEDO & M. J. ESTRELLA

REDACTORES : DIVERSOS

Preços : por trimestre 25000 réis para esta cidade; pagamento adiantado.

PUBLICA-SE
NO RIO GRANDE
1870

AMERICA

LEÃO GAMBETTA

Hoje que a França inteira levanta-se e procura a todo o transe expulsar de seu solo amado os audazes invasores que talam seus campos, destroem povoações, levando por toda a parte o estrondo da artilharia e da morte, julgamos conveniente apresentar a biographia de Leão Gambetta, um dos filhos mais esclarecidos e gloriosos da heroica quoio infeliz França.

A biographia d'este grande e patriota cidadão, que em seguida damos, é traduzida da *Tribuna* de Montevideo, e é o resultado de uma porção de dados colhidos de dicionarios biographicos e de periodicos, cheia toda de interesse.

Leão Gambetta, advogado francez, nasceu em Cahors, a 30 de Outubro de 1838; tem por conseguinte 32 annos e 21 dias de idade, e todos bem empregados.

E' por seu pai, genovez de origem, estudou o direito e fez-se inscrever na junta de advogados de Paris em 1859.

Obteve grandes successos na conferencia de advogados residentes; tomou uma parte activa no movimento eleitoral de 1863, advogando frequentemente e com admiração de todos em as causas politicas, já fosse nas provincias já em Paris. A questão que sobre todas fez popular seu nome em Paris, foi a das subscrições abertas em varios periodicos, após os successos occorridos no cemiterio Montmatre, a 2 de Dezembro de 1868, e com o fim de erigir um monumento ao antigo representante Baudin.

Em o mez de Março de 1869, o processo contra a folha *L'Emancipation* em Tolosa, foi no meio-dia da França, objecto de entusiasticas manifestações em favor do joven advogado.

Nas eleições geraes, que então se preparavam, Leon Gambetta apresentou-se simultaneamente em Paris e em Marsella, como candidato da opposição

irreconciliavel, contribuindo com sua pessoa, com sua ardente e impetuosa palavra em todos as reuniões populares.

Em Paris, tinha por principal antagonista a Mr. Carnot, deputado saliente e um dos nomes mais estimados do partido democrata; apezar d'isto, obteve uma victoria completa alcançando entre 35,417 votos, 21,743 contra 9,142 que obteve Mr. Carnot.

Em Marsella, na primeira circumscripção de Bouches du Rhône, aonde seus adversarios não eram menos prestigiosos que influentes, teve na primeira volta de escrutinio, sobre 19,903 votantes, a maioria relativa de 8,663 votos contra 4,535 dados a M. Ferdinand Lesseps, 3,581 a Mr. Thiers, e 3,075 ao marquez de Barthelemy.

Finalmente no segundo escrutinio foi eleito por 12,865 votos, optando então pela representação de Marsella.

Depois das eleições, Mr. Gambetta, acometido de uma enfermidade repentina, ficou por algum tempo afastado de Paris, até que mais tarde tornou ao desempenho de suas funções representativas da esquerda; desde esse momento quantas dores de cabeça causou ao imperio!

Leão Gambetta, á par de sua illustração é um famoso ventriloquo. A proposito disto referiremos alguma cousa interessante.

Ao principio de sua carreira de advogado, Gambetta foi pouco feliz, e assim sobrava-lhe tempo para assistir á todas as sessões da assemblea, futuro campo de suas gloriosas batalhas.

Como Gambetta é um famoso ventriloquo, entretinha-se imaginem os leitores em que l... em embarulhar a discussão, interrompendo com a voz de Thiers ou de outro celebre orador, ao que tinha a palavra, ocasionando assim, magnificos e continuos qui-pro-quos.

Para concluir apresentaremos agora,

uma curiosa anedocta sobre o ardente republicano, nosso heroe n'este momento.

Fazem dez annos.

Era noute, Gambetta encontrava-se no café *Procope*, onde em companhia de varios amigos tratava da questão romana.

Uma hora depois, todos elles batidos em seus ultimos entrancheamentos, pouco a pouco tomaram a porta da rua e se retiraram.

Porém o orador que se não conformava com este proceder e muito menos com a falta de auditerio, procura com a vista novos interlocutores, e vê dois desconhecidos que, durante toda a discussão o olhavam de momento á momento.

Gambetta, então, continúa sua thesis, procura novos argumentos, e falla ainda uma hora.

Immoveis, e silenciosos, os dous sujeitos contemplavam sempre ao joven tribuno, devorando com a vista sua cabeça radiante, seu ar e attitude inspirada.

Alli estavam como fascinados pela acção e palavra de Gambetta.

De repente, um delles, toca com o cotovello á seu companheiro, fazendo-lhe com o dedo ao mesmo tempo um signal mysterioso.

A' este signal, Gambetta pára repentinamente e passeia um olhar investigador sobre esses dous estranhos.

Seriam acaso espies ou inimigos da liberdade?

Não; eram dous mudos, que sentiam e comprehendiam talvez o pensamento do orador, pelos gestos.

O de mais idade destes dous homens tirou das algibeiras um pedaço de pedra de escrever, e entregou ao orador estas palavras escriptas á pressa :

"ALGUM DIA SEREIS MINISTRO"

E depois, estendendo a mão para recolher o pedaço escripto...

— Não, não! disse bruscamente Gambetta, eu o guardo, e levou a pedra, que muitas vezes tem mostrado á seus amigos intimos, e que hoje vêem

com prazer realiado o cumprimento da prophécia, feita em uma mesa de café.

Opulencia e miseria.

I

A verdadeira felicidade do homem, não consiste nas galas, nos rumores dos vastos salões, nem na embriaguez da opulencia, que respira a atmosphera do ouro : esquecido de seus semelhantes,—os filhos da miseria.— Ventura, é ter um coração nobre e condoído por aquelles que soffrem e correm á porta do rico, em busca do pão quotidiano: — é ter o espirito tranquillo, alma paciente e livre do lodo da profanação: — é guardar no peito a fé ardente, a creença inabalavel na doce religião, que nos transmittirã nossoes paes: — é elevar a alma agradecida, qual onda de puro incenso, aos pés do eterno pae...

Oh ! não sejamos como essas almas mesquinhas, que só se lembram de Deus nas horas tredas das lentas agonias !

A virtude, sempre a virtude, que tem a infallivel recompensa.

Infelizmente na corrupção da época é difficil encontrar sentimentos taes; — e aquelle que abraça o manto da pobreza, e vai pela senda da honra, longe das imposturas mundanas, e da vaidade dos salões, é escarnecido e apunhalado pela turba profanadora, que ri sempre, de quem a detesta.....

O' ricos, ó poderosos! não vos entregues á esse viver de luxo, engolfado nos bens da riqueza !... lembrai-vos, que pelas trevas da noite, tacteia o desditoso mendigo, sem lar, sem amparo, que no desalento da febre do cansaço, seus membros se postram sobre as folhas secas que o vento arremessou, ou sobre o duro e inhospito chão, leito do doloroso, deque as cortinas são assombras negras de amargura que ennegrece o horizonte de sua vida !... acalenta o seu somno, unicamente o funerio pio de nocturna ave...

Ah ! e quantas vezes, é a alma desse desgraçado, o ciborio das mais bellas virtudes christãs !...

Dizei-me opulentos, o que pensaes vós desta vida ?... eu vos asseguro, que é ella uma lampada, que se esvae ao leve sopro !

Não me refiro a opulencia respeitosa adigna, fallo á vulgaridade.

II

Não digo que o rico deixe a vida de opulencia, pelas decepções da mendicidade; não digo que abandonando os rumores dos grandes salões, busque elle a solidão do desgraçado; — não; só peço a caridade para com aquelles que vivem submergidos no abysmo da miseria....

Vede a paciencia com que o mendigo, se curva ás leis de seu ferro destino : ha uma voz sagrada, que o reanima, uma luzerna longinqua, que o esperança : é a fé, que conserva, mesmo morto, de fome, esfarrapado e mendigando o triste e exiguo pão !...

Elle soffre seus martyrios resignado com á creença n'alma e o pensamento em Deus.

No abandono em que vive, sem a sombra protectora dos homens, na tormenta de seus males, é olhado com indifferença.

Se passa o opulento, exhalando os perfumes do seu ouro; curva o pobre a fronte escandecida pelo sol das amarguras, pela fadiga de sua longa peregrinação pelo mundo da miseria, e tremulo, receioso, pede uma esmola ao homem do ouro, e... muitas vezes recolhe a mão vasia !

— E porque, meu Deus ?

Porque o poderoso, vai com as idéas preoccupadas, formando um mundo vasto, onde levanta seus palacios d'ouro : como poderá ouvir essa fraca voz, que pede para mitigar a fome, que lhe rói as entranhas ? !..

III

O opulento tem os regalos do ouro, sorve os vapores de finissimos licôres; e o pobre tem o travo da indigencia.

O rico tem o leito de cambraia e sedas, o indigente, tem o dia para esmolar, e á noite o pó das ruas para descançar o corpo exangue.

Mas se fôra possível examinar qual d'elles teria alma mais pura, consciencia mais livre, ver-se-hia que é quasi sempre o pobre, o que mais jus tem ás graças do céu.

O rico julga lá para si, que a nuvem da desgraça respeita o seu poder, que embora salpique com o veneno da profanação o manto da pureza, não pecca para com Deus, nem perde o conceito, perante a sociedade.

Elle murmura : — " Sou rico, sou poderoso, o poder irresistivel do ouro, encobrirá — estas pequenas faltas ! — "

Infeliz do homem que assim pensa !

Rio Grande Novembro—1870.

J. P. R.

POESIA

AO LUAR

Um sonho tão doce !
Quem dera que fosse
Eterno em durar !...

J. V. F.

Era a noite serena : a lua bella :
Os cantores do bosque adormeciam :
As flôres se inclinavam brandamente
Aos beijos do favonio estremeciam.

Que gratas sensações ! Quantas delicias,
Prazeres ineffaveis não senti !
Esquecendo do mundo a fria prosa
N'um leito de verdura adormeci.

E vi... seria flôr ? Não; era um anjo
(Era flôr no perfume tão sómente)
De azas alvacentas : quanta alvura
Envolvida na gaze transparente !..

E chegou-se p'ra mim : quanta belleza
Na fronte pensativa e gesto brando !
Eu... eu ouvi o estalar delicioso
De seus labios de fogo os meus beijando !..

Quiz unil-o ao meu peito escandecente,
Quiz o collo cingir-lhe puro e lindo ;
Porém elle sorrindo brandamente
P'ra os espaços do céu ia subindo...

Susteve-se no ar, pallido e triste,
Fitando o azul do céu calmo e sereno,
E eu de tanta ventura extasiado
Os echos acordei do bosque ameno :

« Vem ó pallida virgem de meus sonhos,
« Nesse puro sendal sempre envolvida,
« Não temas inquirar as brancas azas
« No amor de minha alma entristecida.

« Vê, ó anjo tão pallido e romantico,
« Sempre envolto na gaze transparente,
« Restitue a minha alma que levasto
« Quando um beijo me destes docemente.

« Vem, ó nympha do ar, filha do ether,
« Vem contar-me mysterios que o céu tem,
« Vem tirar-me do mundo transitorio,
« Vem, o leva-me contigo, ó anjo, vem !.. »

Acordei... e vi ainda a virgem pallida
Se escondendo da noite na neblina,
E fitando-a exclamei, levado em extásis :
« Visão, sei quem tu és : — és « Honorina !.. »

Foi sonho vaporoso... mas qu'importa,
Se na mente abrasada ainda a vejo
Com a fronte inclinada, pensativa,
Mil doçuras do céu dar-me n'um beijo ?

Porto Alegre—1870.

João D. V. Fernandez.

voaes como um torvellino, sem ter para a que vos ama tanto como á sua vida, nada mais que um triste adeus, que é como o echo da desesperação que reproduz-se á todo instante.

Mathilde não pronunciou estas palavras como uma sublime queixa de seus pesares, havia sabido apparecer mais formosa e mais seductora. Estas como o chumbo deretido cahiam sobre o palpitante coração de Genaro, que tinha que opprimir-se a cabeça para não perder a razão. Era-lhe necessario appellar á rectidão de seu juizo, á toda a força de seu talento, á toda a inflexibilidade de sua logica, para permanecer sereno entre os laços de flores d'aquella Artemisa.

— Ouvi-me Mathilde, exclamou tremendo de emoção, julgo que me fazeis inculpações injustas. Ou não me haveis comprehendido ou não soube apresentar-me á vós como verdadeiramente sou. Amo-vos como nenhum homem é capaz de amar-vos : professo-vos toda a lealdade de que é susceptivel minha alma. Seria tão impossivel que eu vos enganasse, como seria paralizar com a vontade as correntes electricas que cruzam o espaço. Eres a que domina em meu coração, a que com um olhar tem poder para fazer-me feliz ou desgraçado ; porém partis de uma exaggeração de vosso caracter. Na sociedade egoista em que vivemos, ha outros vinculos poderosos que encaidam a vontade. Vós mesmo que tanto me amaes, poderias abandonar este tecto e correr commigo de uma á outra parte guiada tão sómente por vossa paixão ? Não Mathilde. Pois do mesmo modo que estas encaidam á certos deveres, eu o estou também : tenho vinculos sociaes que respeitar, o mesmo que vós ; e d'aquí é que me vós acorrei á pista de objectos que não alcanço, e a impulso de pensamentos que não trato de sondar.

— Conheço que tens razão, observou a joven despregando um novo sorriso : quero abandonar as inquietações que vossa conducta tem causado em meu coração ; porém outros novos temores dominam minha alma.

— Quaes são ?

— Já sabeis que turbulenta é a época que atravessamos. Um crescido exercito domina em Madrid, e os camuños estão povoados de soldados. Não pôde acontecer-vos uma desgraça ?

— Vossa observação é justa ; porém quando devo obedecer, faço completa abnegação de mim mesmo.

— Não temeis á morte ?

— Não, Mathilde.

— Então, motivos mui grandes devem ser os que vos impulsam, respondeu a joven. Ou sois um agente da politica napoleonica, e levaeis um salvo-conducto, que vos livre de todos os perigos, ou um conspirador de officio.

Genaro, sorriu-se tranquillamente, em quanto Mathilde mordida-se os labios imperceptivelmente.

— Não sou nem um nem outro.

— O que és, pois ?

— Hespanhol, respondeu com orgulho nacional o ardente mancoço.

— E' que esse nome está riscado do livro da historia.

— Perdoae, Mathilde, que vos diga que não sois juiz competente em tão grave questão. Não vos accuso, porém accuso á pessoas que vos são mui chegadas. Habitaeis em um palacio que o governo actual legou-vos em recompensa de servicos recentes, e mal podeis apreciar meus sentimentos nesta materia.

Mathilde ficava derrotada nesta nova tentativa, e em seus olhos brillou certo fogo sombrio, que melhor podia traduzir-se por cholera que por amor. Guardou-se, com tudo, de manifestar a tormenta que rugia em seu interior, e dando subitamente á phisionomia uma expressão de profunda tristeza, exclamou suspirando:

— Perdoae, Genaro, que meu amor me tenha conduzido, aonde nunca pensei. Acabaeis de lançar sobre mim uma amarga reconvenção, que prova-me uma coisa bem triste : que olhaes com desprezo á opulencia que me rodea, e que lancaes sobre minha familia o anathema da opinião.

— Não, replicou o joven com sua inflexivel logica, respondi unicamente ao que me haveis perguntado. Em nós sentam mal conversações desse genero : porém vós o quizeis assim.

— Comprehendi qual foi minha intenção. Eu em vós só tenho visto enigmas. Que de estrauho tem que meu amor, porque o amor é sempre egoista haja querido penetrar por entre as trevas que vos rodeam ?

— E só o amor ? perguntou tremendo ao ouvir estas palavras.

— Essa duvida me offende.

— Não, Mathilde : quero crer-vos, porque assim me devolveis a tranquillidade; apagaes em minha alma á incerteza que é o tormento dos namorados; reanimaeis a fé que me alimenta e tornaes a fazer-me feliz. Se vós sois egoista por amor, eu também o sou. Quisera poder isolar-me, á vosso lado, da sociedade que nos escravisa e do dever que nos subjugae: viver como vivem as aves do céu, sem outra esperanza que um amor inexgotavel. Estes são meus sonhos, sonhos irrealisaveis, porém q' elevam a alma sobre este fango mundanal que tudo o materialisa. Em vós Mathilde creio haver encontrado essa felicidade suprema, esse delirio da juventude, essa época do coração ; me causeis por tanto, uma cruel dor, quando, em vez de me passeares por nuvens me conduzes pela terra.

Genaro estava duplamente formoso ao pronunciar estas palavras. Havia tanta verdade nelleas, que não era possivel duvidar um instante.

Mathilde respondeu sorrindo-se :

— Oh ! eres poeta, e os poetas pintam porém não sentem.

— Ingrata !

— Tratae-me como queiras, porém digovos a verdade.

— Não me crês ?

— Não.

— Mathilde, sou uma criança, todavia por minha idade, mas sou um homem por minha conducta. Aprendi a não mentir ao pisar o sepulchro de Jesus Christo, aprendi a amar sob o formoso céu da Grecia.

— Eu não posso crer á quem me cerca seu peito como um tabernaculo impenetravel.

— Exigi-me o que dependa exclusivamente

CAPÍTULO XI.

segredos da vida.

Com a alma impregnada de felicidade affastou-se Genaro d'aquella casa, se bem é certo q' em o fundo de tanta dita havia uma gota amarga que empegonhava o tranquillo oceano de suas esperanças.

Mathilde o viu partir, despedindo-o com um sorriso encantador, e em seguida deixou-se cahir no sofá, como se as forças que a haviam sustentado n'aquelle momento a abandonassem de repente.

Que seria aquillo?

Era impossivel advinhal-o. O coração das mulheres, por mais que alguns se empenhem em dizer o contrario, é para nós o problema mais estranho e difficil da humanidade. Assim é que só podemos dizer que todo o brilhante verniz que havia rodeado a Mathilde; que aquelle encanto semi-voluptuoso de que havia feito uso tão caprichosamente; que o variado mosaico de suas perguntas, de suas idéas e de suas intenções, desapareceram, como desaparecem na actriz a pintura e o traje, ficando convertida em outro ser diverso, quando termina o espectáculo.

As primeiras sombras da noite se foram estendendo pausadamente por aquelle precioso gabinete, sem que a joven pensasse sahír d'aquelle singular abatimento que a dominava. O velludo, as estrelas d'ouro, o magnifico sofá, tudo ia desaparecendo pouco a pouco, como se mantos fúnebres se fossem estendendo pela habitação.

De prompto abriu-se uma portazinha de escape, e appareceu Ignez, a camareira, com uma bugia na mão.

Mathilde levantou rapidamente cabeça, como se temesse ser surpreendida naquella attitude.

Ao mesmo tempo a joven que havia entrado, disse:

Vossa mãe, a Sra. condessa, vos espera em suas habitações.

Suspirou Mathilde, fazendo um esforço que parecia superior ás suas forças, e sahíu do gabinete.

Uma vez fóra deste sitio, tornou a apparecer em seus olhos o brilho fascinador da juventude, e em todos os seus ademanos uma confiança absoluta de si mesma para apagar os rastros do pesar e do abandono, que até ali a haviam dominado.

Cuberta com esta mascara, apresentou-se nas habitações de sua mãe, que estavam esplendidamente adornadas.

Vestida com um traje magnifico, semeada a cabeça de brillantes, adornado o peito com algumas distincções honorificas estava sentada em uma cadeira uma ancía de olhar vivo, inquieto e penetrante.

Esta ancía era a condessa de Segalvo: a mesma que vimos na *Atalaya Maldita*.

Mathilde avisinou-se a ella e a beijou carinhosamente, enquanto a condessa, sem despregar os labios, a olhava com agudos e penetrantes olhos.

Me chamastes, minha mãe? perguntou a joven depois de algum tempo.

Sim: necessito fallar-te, respondeu a condessa, de Segalvo com certa frieza que formava um singular contraste com as suas palavras.

te de mim e se faltó á qualquer sacrificio que me imponhas vos concederei o direito de queixar-vos.

Genaro disse estas palavras com tantas vehemencia, que Mathilde o olhou fixamente e respondeu:

— Aceito vossa proposição. Será a ultima prova.

— Seja, pois.
— Do contrario nos separaremos como se separam os bons amigos que se encontram em um deserto, levando oppostas direcções, para não tornar a encontrar-se jámais.

Uma pallidez mortal, se estendeu pelo rosto do joven ao ouvir esta ameaça.

— Como vos agrada, respondeu com assento tremulo.

Mathilde o olhou de um modo irresistivel: todos os raios de seus olhos se encontraram em um ponto. Estas palavras só haviam sahido de seus labios, e não de seu coração.

— Agora, disse a joven, disse-me uma cousa.

— Fallae.

— Tens familia?

— Não.

— Sois, pois, inteiramente livre?

— Não.

Mathilde o olhou com profunda estranheza e disse:

— Não posso comprehender essa negatividade: porém não importa. A prova que vos exijo, é que guardéis este punhal.

Ao diser a joven estas palavras, tirou de seu seio uma pequena adaga com empenhadura de prata cinselada. No centro via-se um escudo quadrangular, descobrindo-se n'elle uma palma e um ramo de laurel entrelaçados, dentro dos quaes havia duas espadas cruzadas. Em os quatro angulos do escudo se distinguiram perfeitamente estas quatro iniciaes: I. E. N. R.

Genaro ficou mudo de assombro, como se aquella mulher, que até alli havia sido um anjo, se convertesse repentinamente em demónio.

— Me daes um punhal! exclamou, repellido a arma que brillava sinistramente nas mãos de sua amada. E' acaso o pacto de um crime o que vamos sancionar?

— Não; é um laço de indissolúvel alliança, é a recordação de nossa promessa. Sabeis o que significa esta arma?

— Não.

— Quer diser que deveis matar-vos com ella, se faltaes á verdade; que deveis matar-me, se eu vos sou infiel. Aceitae agora?

— Aceito, exclamou Genaro com enthusiasmo, cahido aos pés de Mathilde.

Um sorriso de triumpho appareceu no rosto da joven.

— Agora, disse, já não me atreverei a duvidar de vós. Seja esse punhal o symbolo de nossa alliança, o laço de nosso amor.

— Sim, sim, repetio o joven.

— Elle vos recordará que vossa vontade e pensamento me pertencem.

— Como vosso coração e vossa alma, me pertencem.

E Genaro, no colmo de seu delirio, rodeou com seus braços a formosa cabeça d'aquella mulher.

Mathilde inclinou sua languida fronte sobre um dos hombros do mancebo, ao mesmo tempo que punha o punhal em suas mãos.